



PROVEDORIA DOS ANIMAIS DE LISBOA

**Recomendação emitida por iniciativa própria ao abrigo do art.º 1.º e da al. c) do art.º 8.º do Regulamento Interno de Designação, Organização e Funcionamento do Provedor Municipal dos Animais de Lisboa**

**Recomendação n.º 4/2021**

Em 23 de julho de 2021, a Câmara Municipal de Lisboa aprovou a Carta Municipal de Bem-Estar Animal onde se declara, no seu artigo 1.º, *“uma cidade comprometida com a Declaração Universal dos Direitos dos Animais.”*

Também se compromete, por força do artigo 2.º, *“a efetuar uma monitorização evolutiva e permanente que lhe permita permanecer na linha da frente no que diz respeito à proteção e ao bem-estar animal.”*

Através do mencionado Diploma, Lisboa compromete-se a promover as cinco liberdades reconhecidas pela comunidade médico-veterinária no *Farm Animal Welfare Council* em 1993 para o bem-estar dos animais, sendo elas:

- a) estar livre de fome e sede;
- b) estar livre de desconforto;
- c) estar livre de dor, ferimento e doença;
- d) ter liberdade para exprimir o seu comportamento natural;
- e) estar livre de medo e angústia.

Relevante para a nossa fundamentação é o artigo 4.º da Carta onde se lê que Lisboa *“repudia toda a forma de violência exercida sobre os animais, incluindo a que resulte de espetáculos, concursos, exposições ou atividade turística”*.



2

PROVEDORIA DOS ANIMAIS DE LISBOA

É nosso entendimento que estamos num momento em que a reflexão sobre a real necessidade, avaliando-se os custos e benefícios, do uso de equídeos na atividade turística é imperativa.

Como bem nota o Etólogo Roberto Barata em “O sofrimento silencioso dos cavalos e o paradoxo (des)humano” disponível em: [https://rbarata.com/o-sofrimento-silencioso-dos-cavalos-e-o-paradoxo-deshumano/?fbclid=IwAR26D5DmehDzUFm0ujiRoCNdcTx\\_kxxkpf0HgpgjVBkWkvTqOSIvZL6Z0Zs](https://rbarata.com/o-sofrimento-silencioso-dos-cavalos-e-o-paradoxo-deshumano/?fbclid=IwAR26D5DmehDzUFm0ujiRoCNdcTx_kxxkpf0HgpgjVBkWkvTqOSIvZL6Z0Zs), “a natureza dos cavalos não é em meio citadino ou dentro de boxes.”

Foi o próprio Etólogo, autor do Parecer sobre esta matéria e que é Anexo e parte integrante desta Recomendação, que nos dá a conhecer as principais consequências da utilização destes animais na tração de carruagens em meios urbanos na sua saúde e bem estar. Salientamos:

(...)

1. *A claudicação devido ao trabalho contínuo em ruas pavimentadas, juntamente com calçados impróprios ou pouco seguros.*
2. *As cólicas e problemas gastrointestinais resultantes da falta de exercício, principalmente durante os períodos de fraco turismo (...)*
3. *A doença pulmonar obstrutiva crônica é o problema respiratório mais comum em vários meios urbanos e os cavalos de tração parecem ser mais afetados do que os cavalos ou mulas fora desses ambientes. (...)*
4. *O síndrome de rabdomiólise é um grande problema médico para todos os cavalos de transporte, que tem como histórico os vários dias de trabalho vigoroso, como os períodos altos de turismo sazonal, seguido de alguns dias de descanso sem a redução da alimentação, seguido do cavalo ser amarrado nas primeiras horas de retorno ao trabalho. (...) Esta condição pode ser fatal sem um cuidado veterinário imediato.*
5. *Os problemas de pele e feridas de arreios(...) A veterinária patologista Lydia Tong (2015) sugere que a epiderme do cavalo (a camada mais alta da pele onde os nervos*

2



PROVEDORIA DOS ANIMAIS DE LISBOA

*que sentem a dor se encontram) era na verdade mais fina do que a epiderme humana (<http://www.abc.net.au/catalyst/stories/4201890.htm> ). Isso significa que o cavalo tem menos células da pele entre a fonte da dor (por exemplo, um chicote) e as suas terminações nervosas sensíveis. Um outro estudo de Março de 2019 (ver referências) mostrou como as embocaduras causam dor no cavalo e ao mesmo tempo originam comportamentos estereotipados.*

*6. O golpe de calor ou insolação é uma ameaça para os cavalos que trabalham num ambiente urbano. O arrefecimento pouco frequente dos cavalos através de rega, o acesso precário a eletrólitos, a obesidade, as condições precárias, a alta humidade, as doenças e as condições do pavimento quente podem ser fatores contribuintes. As temperaturas do pavimento geralmente excedem bastante a temperatura do ar ambiente.*

*7. O risco de acidentes é um grande problema para todos os cavalos que trabalham num ambiente urbano. Se os cavalos correrem assustados por algum motivo, o espaço de fuga pode estar condicionado ao próprio ambiente urbano, envolvendo o risco de acidente com as pessoas dentro e fora da carruagem, veículos ou outros objectos circundantes. (...)*

3

(Cfr Parecer em anexo).

Em Lisboa, temos ainda um operador turístico, a QTour, que providencia passeios de carruagem com tração animal em Belém com o seguinte percurso: <https://www.qtour.pt/index.php/pt/passeios>. As imagens da atividade podem ser consultadas aqui: <https://www.qtour.pt/index.php/pt/pics>.

Visitado o local onde estão fixados em Belém pela Provedora, verificou-se que não havia sombreamento para os animais o que é também comprovável pelas fotografias disponíveis no site.



## PROVEDORIA DOS ANIMAIS DE LISBOA

Também preocupante é a capacidade da carruagem (9 pessoas sem especificação do peso de cada uma) <https://www.livingtours.com/pt/tour/passeio-cavalo-charrete-lisboa-belem>.

É importante que Lisboa procure, em conjunto com o operador turístico, equacionar outras alternativas mais respeitadoras do novo paradigma jurídico e municipal em matérias de bem-estar animal e segurança rodoviária, como seja a substituição das charretes movidas por tração animal por carruagens elétricas, o que irá de encontro àquilo que a Cidade preconiza como exigência para outros transportes turísticos que circulem na cidade.

De resto, este tipo de iniciativas já tem sido descrito em várias partes do mundo, como em Roma (<https://www.theguardian.com/world/2020/dec/03/rome-to-ban-horse-drawn-carriages-from-city-streets>), Nova York (<https://ilovetheupperwestside.com/animal-protection-groups-call-on-mayoral-candidates-to-replace-central-park-horses-with-electric-carriages/>), tendo sido implementadas com sucesso em Colónia, Istambul ou na cidade de Petrópolis que, em 2018, determinou a substituição das charretes movidas a cavalos na cidade por carruagens elétricas, colocando os animais em santuários (<https://diariodorio.com/ptropolis-troca-charretes-puxadas-por-cavalos-por-modelos-eletricos/>)

Assim, recomenda-se à Câmara Municipal de Lisboa que:

- 1) Regule o uso de carruagens turísticas na cidade de Lisboa à luz das exigências de preservação ambiental e respeito pelo bem-estar animal e em linha com as exigências para outros tipos de transportes turísticos;
- 2) Determine a proibição da utilização de animais em transportes turísticos na cidade de Lisboa, dialogando com os operadores no sentido de encontrar uma forma de compensação pela alteração na sua atividade.



PROVEDORIA DOS ANIMAIS DE LISBOA

Lisboa, 12 de julho de 2021

Marisa Quaresma dos Reis

Provedora Municipal dos Animais de Lisboa

# ANEXO I



Roberto Barata  
[rbarata.com](http://rbarata.com)

Copenhaga, 11 de Julho de 2020

Assunto: Carruagem de cavalos em Lisboa.

Exma. Sra. Provedora dos animais de Lisboa, Marisa Quaresma dos Reis,

A pedido de V. Exa., envio-lhe algumas pesquisas, referências e recomendações relativamente a este assunto. Saliento a V. Exa. que este documento cinge-se aos factos, com as devidas referências anexadas, e ao meu conhecimento empírico da espécie, não contendo nenhuma opinião pessoal sobre o assunto.

De acordo com a pesquisa efectuada, os problemas de saúde mais comuns nos cavalos quando utilizados para a tração de carruagens em meios urbanos são:

1. A claudicação devido ao trabalho contínuo em ruas pavimentadas, juntamente com calçados impróprios ou pouco seguros.
2. As cólicas e problemas gastrointestinais resultantes da falta de exercício, principalmente durante os períodos de fraco turismo sazonal e de mudanças bruscas na alimentação, da alimentação de baixa qualidade ou das alterações no cronograma de alimentação.
3. A doença pulmonar obstrutiva crónica é o problema respiratório mais comum em vários meios urbanos e os cavalos de tração parecem ser mais afetados do que os cavalos ou mulas fora desses ambientes. Embora a poluição do ar urbano fosse sugerida como um fator contribuinte, não existem dados suficientes que permitam confirmar ou negar essa alegação.
4. O síndrome de rabdomiólise é um grande problema médico para todos os cavalos de transporte, que tem como histórico os vários dias de trabalho vigoroso, como os períodos altos de turismo sazonal, seguido de alguns dias de descanso sem a redução da alimentação, seguido do cavalo ser amarrado nas primeiras horas de retorno ao trabalho. No entanto, os casos também podem ocorrer sem esse histórico. As éguas parecem ser



mais comumente mais afetadas do que os castrados (Harris, 1997). Esta condição pode ser fatal sem um cuidado veterinário imediato.

5. Os problemas de pele e feridas de arreios: As feridas abertas na pele de arreios mal ajustados são uma declaração óbvia de falta de experiência, desatenção e insensibilidade do operador. A veterinária patologista Lydia Tong (2015) sugere que a epiderme do cavalo (a camada mais alta da pele onde os nervos que sentem a dor se encontram) era na verdade mais fina do que a epiderme humana (<http://www.abc.net.au/catalyst/stories/4201890.htm>). Isso significa que o cavalo tem menos células da pele entre a fonte da dor (por exemplo, um chicote) e as suas terminações nervosas sensíveis. Um outro estudo de Março de 2019 (ver referências) mostrou como as embocaduras causam dor no cavalo e ao mesmo tempo originam comportamentos estereotipados.
6. O golpe de calor ou insolação é uma ameaça para os cavalos que trabalham num ambiente urbano. O arrefecimento pouco frequente dos cavalos através de rega, o acesso precário a eletrólitos, a obesidade, as condições precárias, a alta humidade, as doenças e as condições do pavimento quente podem ser fatores contribuintes. As temperaturas do pavimento geralmente excedem bastante a temperatura do ar ambiente.
7. O risco de acidentes é um grande problema para todos os cavalos que trabalham num ambiente urbano. Se os cavalos correrem assustados por algum motivo, o espaço de fuga pode estar condicionado ao próprio ambiente urbano, envolvendo o risco de acidente com as pessoas dentro e fora da carruagem, veículos ou outros objectos circundantes. No entanto, os acidentes graves envolvendo carruagens são incomuns, certamente devido à selecção feita para este tipo de transporte e da escassez de documentação pública de reportes dessas situações.

É importante ressaltar a necessidade de uma regulamentação que inclua:

- O registo de identificação dos equídeos utilizados;
- O acompanhamento médico veterinário contínuo com os devidos relatórios e testes de medição ao níveis de cortisol;
- Os limites de tempo e área e as restrições diárias, tanto na capacidade das carruagens como da própria meteorologia para o uso dos equídeos;
- As condições das instalações onde os equídeos residem;
- Os cuidados de saúde e bem-estar dos equídeos;
- A regulamentação e registo dos condutores das carruagens, com formação que inclua primeiros-socorros;





Roberto Barata

[rbarata.com](http://rbarata.com)

Deixo as seguintes recomendações para a análise e discussão dos envolvidos:

- A reflexão sobre a real necessidade (custos vs benefícios) do uso de equídeos para a presente actividade turística no século actual;
- A necessidade de estabelecerem uma definição clara de bem-estar dos equídeos nesta actividade e os padrões que considerem necessários para a promoção dos cuidados essenciais e das liberdades gerais garantidas aos animais segundo o documento da Farm Animal Welfare Council (1993);
- A natureza dos cavalos não é em meio citadino ou dentro de boxes. Um estudo deste mês (ver referências), mostra a importância do pasto como medida essencial de assegurar um estado de bem-estar natural para a espécie.

Acreditando que todos os envolvidos terão em consideração este documento antes de tomarem qualquer tipo de decisão, agradeço atempadamente toda a atenção dada.

Sem outro assunto de momento,

Roberto Barata

[rbarata.com](http://rbarata.com)



Roberto Barata  
[rbarata.com](http://rbarata.com)

## Referências:

- Baldwin, J.L. and Kurtz, M.B. (1992) Health problems and health regulations of urban carriage horses. In *Proceedings of the 38th Annual Convention of the AAEP*, pp. 537–546.
- CEN/SHARE (1986) *Recommended Guidelines: Urban Horse and Carriage Operations*, pp. 4–10. University of Minnesota, Minneapolis, MN.
- Cook, W.R. and Kibler, M. (2018) Behavioural assessment of pain in 66 horses, with and without a bit. *BEVA*.
- FAWC (Farm Animal Welfare Council) (1993) *Second Report on Priorities for Research and Development in Farm Animal Welfare*. Ministry of Agriculture, Fisheries and Food, Tolworth, Surrey, UK.
- Harris, P. (1997) Equine rhabdomyolysis syndrome. In *Current Therapy in Equine Medicine*, Robinson, N.E. (ed.), vol. 4, pp. 115–121. W.B. Saunders, Philadelphia, PA.
- Mercer-Bowyer, S., Kersey, D., Bertone, J. (2017) Use of fecal glucocorticoid and salivary cortisol concentrations as a measure of well-being of New York City carriage horses. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, Vol. 250, No. 3, Pages 316-321
- Ruet, A. et al. (2020) Effects of a temporary period on pasture on the welfare state of horses housed in individual boxes. *Elsevier*.
- Richburg, K. (2007) Bill could halt New York carriage horses. *Washington Post*, December 17, p. 3.